

Investigando a leitura no ensino fundamental II

Investigating of reading at fundamental teaching II

Alessandra Rosa de OLIVEIRA¹
Mario Marcos LOPES²

Resumo:

Diante da ultrapassada metodologia escolar, na qual a leitura é realizada de modo mecânico, visando avaliações e interpretações, geralmente pré-estabelecidas pelo professor, tornando-se uma prática vista de forma negativa pelos jovens e, diante da explosão tecnológica atual, gerando um espaço atrativo, visto como forma de lazer, principalmente para crianças e jovens, embora possibilitando fácil acesso aos materiais de leitura de grande valor, que ficam disponíveis na rede, para serem baixados ou lidos online, tornou-se um desafio despertar neste público a motivação para a prática e o prazer da leitura, fundamentais para o desenvolvimento do raciocínio, senso-crítico e da capacidade de interpretação.

Palavra-chave: Jovens. Livro. Literatura. Ensino Fundamental.

Abstract:

Considering an outdated school methodology, in which reading is performed mechanically, aiming at evaluations and interpretations, usually pre-established by the teacher, which becomes a practice seen negatively by young people and, taking into account the current technological explosion, which is a way of leisure, especially for children and young people, that allows easy access to high-value reading materials, available online, for downloading or reading online, it has become a challenge to practice and reading, which is fundamental to the development of reasoning, criticism and the ability of interpretation.

Keywords: Young people. Book. Literature. Elementary School.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, observa-se uma explosão tecnológica, que tem facilitado a vida de todos; antes, para termos acesso a um livro, era necessário dirigir-se à uma biblioteca; hoje, temos bibliotecas e acervos incríveis no computador, nos *smartphones*, porém não sabemos aproveitá-los. Os demais aplicativos têm tomado conta de um tempo, que antes era praticamente destinado à leitura. Vemos até mesmo pais e professores conectados diariamente no *Whatsapp* e *Facebook*, porém poucos se “conectam” a um livro. Vemos ainda, crianças que nem aprenderam a ler e escrever já ganharem um *tablet* ou celular, e não um livro impresso.

¹ Especialista em Língua Portuguesa: Redação e Oratória, pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Graduada em Letras e Psicologia. Docente e Psicóloga na Prefeitura Municipal de Guariba/SP. E-mail: alessandrar-psic@hotmail.com

² Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade de Araraquara. Especialista em Didática e Tendências Pedagógicas. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá e Faculdade de Educação São Luís. Coordenador Pedagógico na Rede Estadual de Ensino de São Paulo. E-mail: mmarlopes@ig.com.br

Falta o incentivo à leitura no ambiente familiar e atividades prazerosas no meio escolar, contribuindo para afastar crianças e jovens ainda mais dessa atividade extremamente importante para o desenvolvimento do raciocínio, senso-crítico e da capacidade de interpretação.

Neste cenário e com a chamada era digital, está cada vez mais difícil colocar-se como modelos leitores para as crianças e jovens e, conseqüentemente, difícil despertar neles o interesse pelo hábito de ler.

Para Moreira (2014), a forma como a criança é iniciada na leitura é fundamental para se tornar – ou não – um leitor competente e motivado. Todo esse processo começa no seio familiar onde encontram-se os principais exemplos de conduta, tidos como modelos para toda vida, por serem espelhos de princípios e de comportamentos. E é neste ambiente que se marca a construção da personalidade, das vontades, desejos e motivações.

Com relação à motivação da leitura entre as crianças, Moreira (2014, p.30) complementa:

A criança pode ser comparada a uma esponja, insaciável e curiosa, atua por interação com tudo e todos, com o objetivo de reter a maior quantidade de informação, conhecimentos e experiências. Porém, para que não se distancie, vai necessitar sempre de estímulos que a conduzam ao caminho da leitura porque, se assim não for, o tempo vai tratar de direcionar a atenção da criança para outros caminhos, bem mais fáceis de seguir, como é o caso da televisão, que requer apenas vontade de ver, pouca aptidão e pouca concentração, e assim, se perde um leitor. Seguidamente, é necessário mostrar-lhe outras fontes de prazer, representando o ato de ler como natural, aprazível e espontâneo.

De acordo com Faria (1995), a mãe que lê para os filhos exerce influência fundamental no futuro leitor. É triste a constatação de que à medida que deixam de ser alunos, o índice de leitura diminua de maneira tão drástica. Assim, perde-se um dos principais modelos leitores, já que até a primeira infância, o contato se dá apenas no ambiente familiar.

Em relação aos dados pesquisados e apontados em “Retratos da leitura no Brasil” Failla (2012), ao investigar os hábitos e a frequência da leitura entre as crianças de 5 e 12 anos, que correspondem a 16,8 % da amostra, notou-se que 45% delas leem sempre e sozinhas; 39% leem às vezes e 16% nunca leem. Nessa faixa etária encontra-se o número de crianças que responderam que outras pessoas leem para elas. Entre os mais citados, o professor tem lido mais do que a mãe, para as crianças de até 12 anos, conforme revelam os números: a mãe que sempre lê foi citada por 17% das crianças e a que lê às vezes por 43%. O professor que lê sempre foi citado por 45% delas e, 41% citaram que o professor lê às vezes.

Neste sentido, pode-se pensar ser dever, principalmente, das instituições de ensino, juntamente com professores e equipe pedagógica, resgatar o valor da leitura como atividade prazerosa e requisito para crescimento pessoal e profissional, propiciar momentos que possam despertar o gosto pela leitura, o amor ao livro e a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler, visto que, por meio da leitura o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, vivenciar sentimentos e emoções que o cercam e acrescentar vida ao sabor da existência. Pode, então, realizar experiências que propiciem e solidifiquem conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem. Assim, oferece-se a leitura como instrumento chave para alcançar as competências necessárias a uma vida de qualidade, produtiva e com realização.

Do hábito de leitura dependem outros elos no processo de educação: o jovem aprende a pesquisar, resumir, resgatar a ideia principal em um texto, analisar, criticar, julgar e posicionar-se, além de ser capaz de adquirir domínio sobre a linguagem, autonomia e participação social. Ao estimular a leitura, o jovem torna-se também capaz de compreender melhor o que está aprendendo na escola e o que acontece no mundo em geral.

De acordo com Yunes (1984, apud SANTOS, 2006, p.31), o estímulo à leitura deve ser sistemático e uma meta prioritária em países em via de desenvolvimento, a busca por novas técnicas e estratégias de motivação para a leitura deve ser alvo de pesquisas que visem a aproximação do livro ao leitor.

Diante disso, o presente trabalho pretendeu averiguar, através de pesquisa exploratória (questionário e entrevista), o uso e os hábitos de leitura entre um grupo de adolescentes do 8º ano de uma escola de Ensino Fundamental II, para tratar da prática de leitura e interesses desses jovens.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram convidados 32 alunos com idades entre 13 e 14 anos, do Ensino Fundamental II, matriculados no 8º ano de uma Escola Municipal da cidade de Guariba - SP, para participar do estudo. A escola está localizada num bairro de classe média baixa e oferece ensino de 6º a 9º ano. A escolha desta escola se deu por conta de a mesma ser classificada como uma das melhores escolas públicas da cidade, em termos de aprendizagem e média nas avaliações externas.

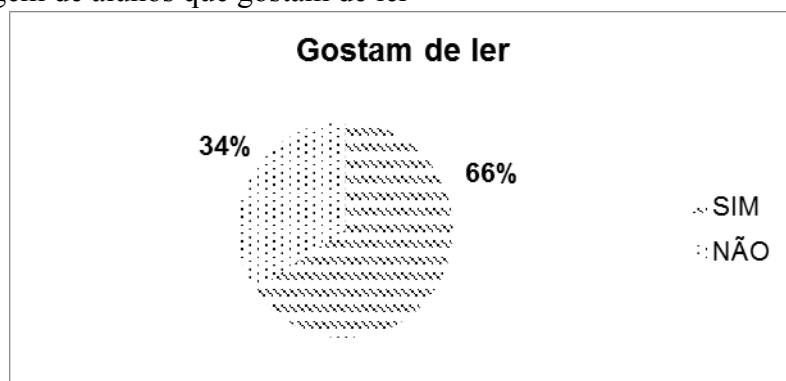
A coleta de dados deu-se por meio de um questionário composto por questões referentes aos hábitos e frequência de leitura, também questões abertas, como: “Para você, o que é ler?”; “Você acha

que ler é importante?”. Um total de 32 questionários foram respondidos de modo presencial em sala de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando os questionários recebidos, a primeira constatação é evidente e até mesmo previsível: nem todos adolescentes se interessam por leitura. Relataram gostarem de ler 66% dos alunos entrevistados e 34% declararam não gostarem desse hábito.

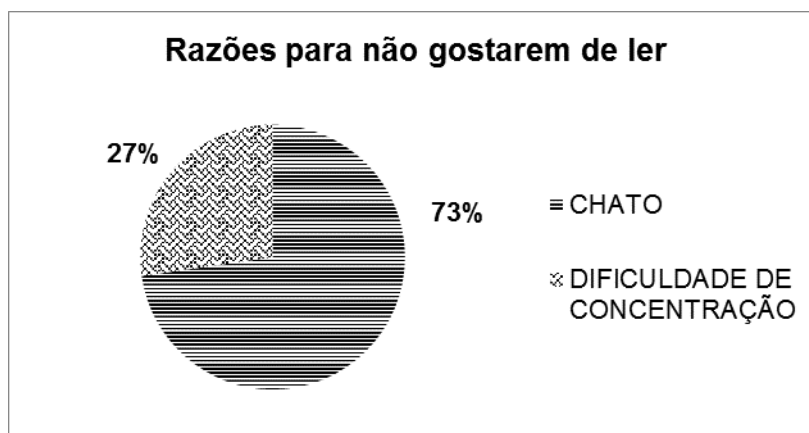
Figura 1 – Porcentagem de alunos que gostam de ler



Fonte: elabora pelos autores

Entre os que não gostam da prática de leitura, duas respostas sinalizaram os motivos desse desinteresse: a mais preocupante (73%) é a concepção, pelos entrevistados, de que “ler é chato” e 27% disseram que apresentam “dificuldades de concentração”.

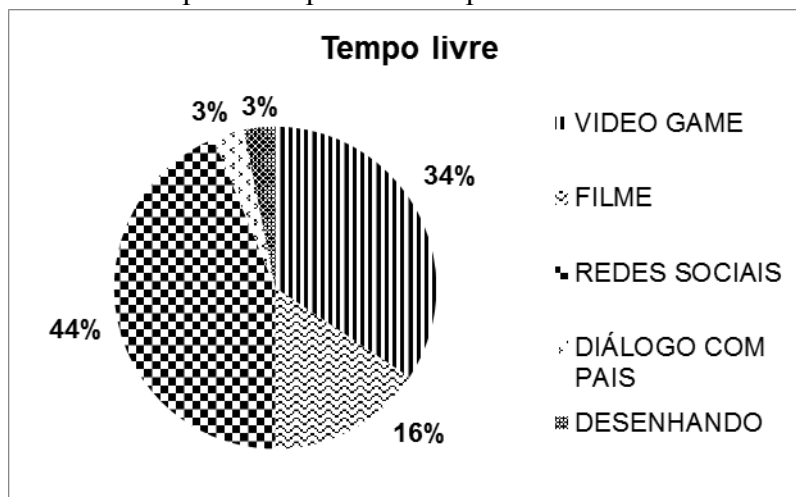
Figura 2 – Motivos do desinteresse pela leitura, sinalizados pelos entrevistados.



Fonte: elabora pelos autores

Assim, possivelmente entendem que ler é algo necessariamente sério e regrado, desse modo, visto como próximo a uma atividade escolar, na qual cobram-se deles um rendimento em forma de notas, afastando a imagem de que a leitura possa ser considerada uma oportunidade de entretenimento e lazer, ou de aprendizagem a partir da diversão e da imaginação, por exemplo. Sobre esse aspecto (diversão e entretenimento), 44% relataram que preferem passar seu tempo livre mexendo nas redes sociais (*Facebook, Instagram, Whatsapp*, entre outros); 35% relataram que preferem passar seu tempo livre jogando *videogame*; 15% assistindo filmes; 3% conversando com os pais e 3% desenhando.

Figura 3 – Como os entrevistados preferem passar o tempo livre.



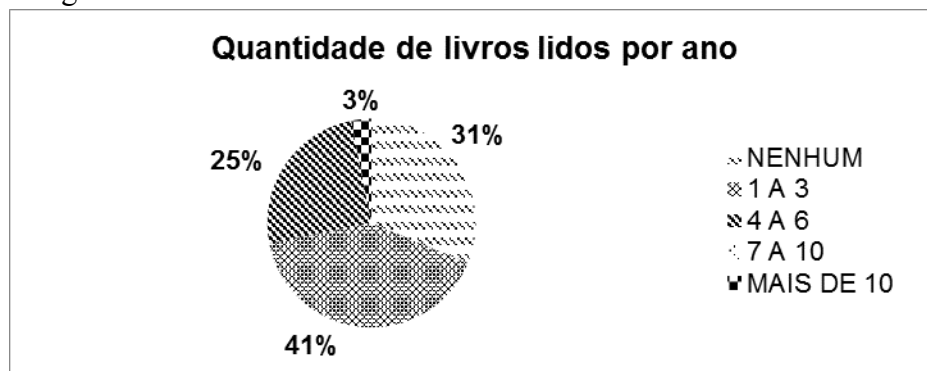
Fonte: elabora pelos autores

Percebe-se o domínio das mídias na vida dos entrevistados, possibilitando-os experienciar o mundo sob uma nova perspectiva, tecnológica, reforçando ainda mais a importância de uma modificação também em relação à leitura, se quisermos ganhar novos leitores, tendo em vista que nenhum entrevistado referiu que prefere passar suas horas vagas lendo livros, embora 65% referiram que gostam de leitura. Dessa forma, é possível entender que, mesmo a maioria dos jovens demonstrando que gostam de leitura (65%), não o fazem, pois não associam tal prática com diversão ou entretenimento, sinalizando o perfil de desinteresse, bem como de falta de motivação e de modelos positivos, que envolvam a leitura como forma de obter prazer.

Considerando que são diversos os fatores que levam um jovem a não gostar de leitura (como falta de incentivo e hábito no ambiente familiar e escolar, outros interesses individuais, etc.), entendemos como absolutamente normal encontrar no grupo de entrevistados atitudes como as demonstradas nas respostas acima.

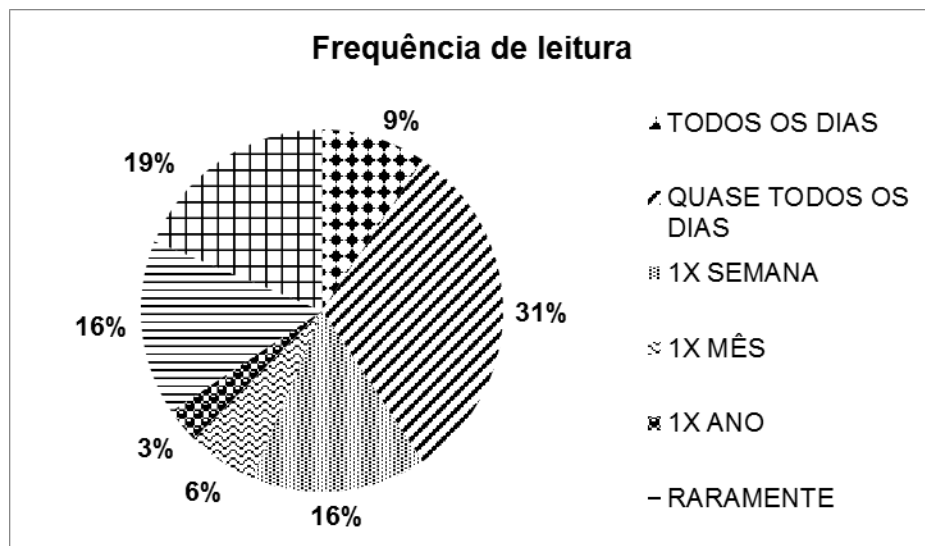
Observa-se ainda alguns dados bastante variados nas respostas. Quanto à quantidade de livro lidos por ano, apontaram: nenhum livro - 36%; 1 a 3 - 42%; 4 a 6 - 19%; mais de 10 - 3%.

Figura 4 – Porcentagem de livros lidos ao ano.



Em relação à frequência com que realizam atividades de leitura, 9% dos alunos declararam que leem todos os dias e 31% que leem quase todos os dias, ocorreram respostas declarando ler uma vez por semana: 16%; uma vez ao mês: 6%; uma vez ao ano: 3%; raramente: 16%; quando obrigatório: 19%.

Figura 5 – Porcentagem da frequência com que realizam atividades de leitura

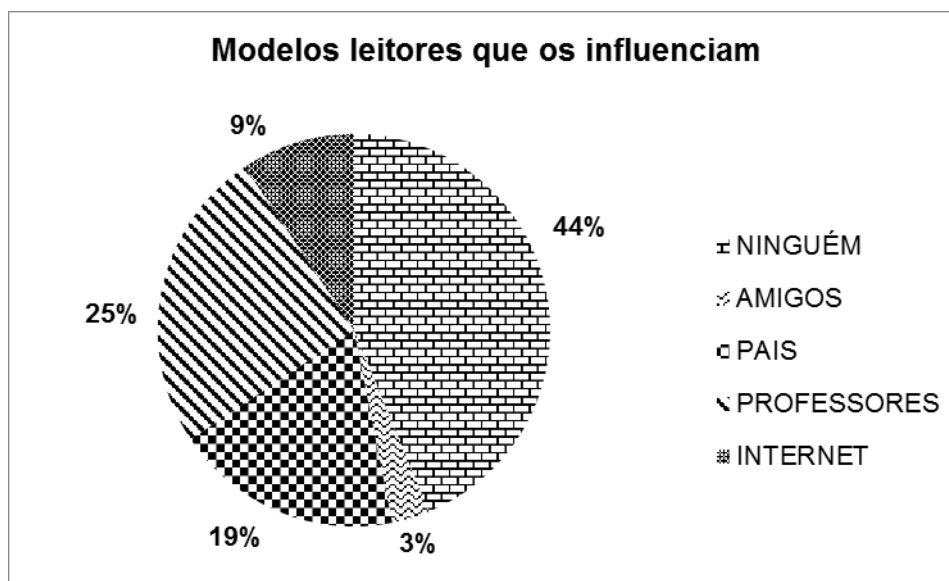


Fonte: elabora pelos autores

Por mais que a frequência de leitura varie, resultando em quantias bastante discrepantes, quando olhamos para o grupo como um todo, podemos observar alguns pontos de confluência no perfil destes alunos, a partir das respostas dadas para as outras questões, porém, com contradições; por exemplo, quando 31% referem que leem quase todos os dias, mas a média de livros que apontaram ler ao ano, não corresponderem à frequência com que realizam tal atividade, reforçando assim, a ideia de que os jovens encontram-se perdidos, em relação aos hábitos de leitura, como aponta Lajolo (1993) e que até realizam atividades de leitura com frequência, mas por obrigação, possivelmente nas atividades escolares.

Com base nos modelos leitores que os influenciam, apontaram que não são influenciados por ninguém: 44%; são influenciados por professores: 25%; pelos pais: 19%, internet: 9%, amigos: 3%. Contudo, 47% dos pais costumam lhes comprar livros, e 53% nunca ganharam um livro dos pais. Ainda em relação às influências no ambiente familiar, 28% relataram que já viram os pais lendo algum livro; e 72% nunca viram os pais com hábito de ler. Sendo que, apenas 37% disseram ter algum familiar que tenha tal hábito, os mais citados foram os irmãos (19%).

Figura 6 – Modelos leitores que os influenciam nas atividades leitoras.

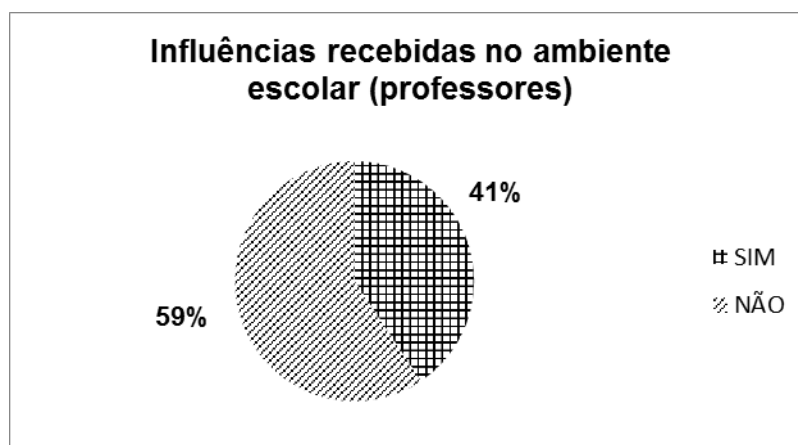


Fonte: elabora pelos autores

Com base no gráfico, observa-se que a maioria dos entrevistados não recebe influência alguma para a prática da leitura, sendo que, quando procuram o fazem, em sua maior parte, por interesse próprio.

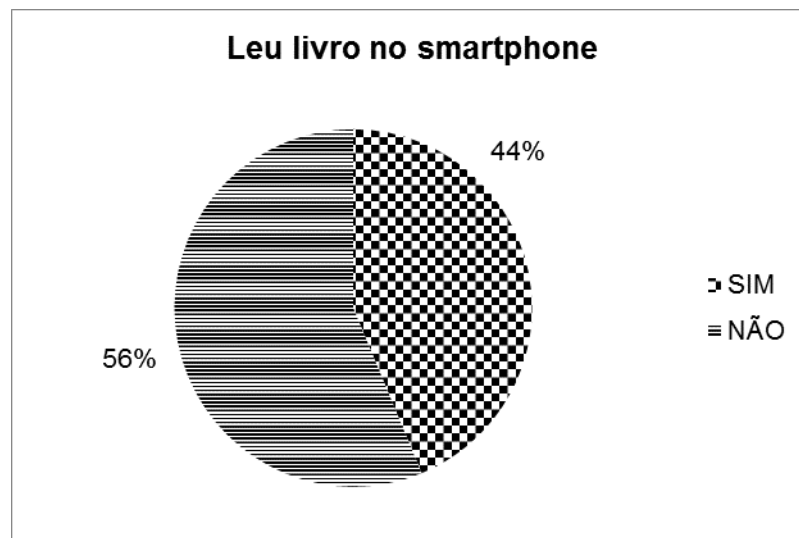
Ao analisar as influências recebidas no ambiente escolar (figura 7), apenas 41% dos alunos relataram que já ouviram seus professores comentarem sobre algum livro que estejam lendo atualmente, ou incentivarem a prática de leitura. A maioria também, referiu que nunca leu algum livro no computador ou smartphone: 56% dos entrevistados (figura 8).

Figura 7 – Influenciados dos professores em relação a leitura no ambiente escolar.



Fonte: elabora pelos autores

Figura 8 – Porcentagem que já leu algum livro no computador



Fonte: elabora pelos autores

Ao solicitar que escrevessem suas opiniões sobre o significado de ler, apareceram respostas como “ler é importante para exercitar a mente, para aprender”, “Ler é conhecer as histórias, saber o que acontece com o personagem”, “Ler é para ajudar no futuro, ter um trabalho”, “Ler é viajar, imaginar, é lazer”. Apenas 3% referiram não saber explicar o que era leitura. Já ao questioná-los sobre a importância do ato de ler, 94% referiram que acham muito importante e, apenas 6% disseram que não.

Diante dos resultados encontrados, é possível apontar que os jovens sabem da importância do ato de ler, até referem gostar de ler, porém, não conseguem fazer associações com a leitura por prazer. De acordo com Fernandes (2010), a escola, pelo que tudo indica, ao bater na tecla da leitura crítica, subentende-se que, para chegar a esse estágio, o aluno leitor precisa seguir etapas, digerir autores, acompanhar escolas, responder provas e questões, ou seja, tem de matar o prazer da leitura para conquistar o conhecimento. Com a leitura sem prazer estético, o que sobra é a leitura de penitência, de cobranças e, conseqüentemente, a leitura “chata”, conforme referiram a maioria dos entrevistados que não apreciam tal atividade.

É preciso uma postura menos unilateral por parte dos professores, é necessário renunciar à figura do aluno como tábula rasa e converter-se a um outro campo de experiências mais atrativas e em acordo com os interesses desse público. Ter que lidar com esses jovens em transformação, que são os

leitores, e ao mesmo tempo orientá-los, de modo a garantir a transmissão do conhecimento é tarefa árdua.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas de que a escola, principalmente através da figura do professor, tem grandiosa importância na formação do leitor e na motivação para a leitura, porém não somente esses. Failla (2012), comenta que os entrevistados lembram mais a figura do professor como principal agente na motivação para a leitura e acrescenta que para haver melhoria na capacidade leitura dos jovens estudantes, faz-se necessário uma transformação, também para melhor, na qualificação profissional e em condições de trabalho aos professores.

Visando melhorias na formação leitora, existem inúmeras propostas na obra “Retratos da Leitura no Brasil”, na qual Failla (2012) argumenta em prol da incrementação de programas para bibliotecas, formação de professores mediadores e de práticas leitoras em aula.

Como podemos ver, muitos são os desafios no âmbito da leitura e o adolescente de hoje; muitos também são os caminhos. O que não se pode deixar de lado é a capacidade de torná-los cidadãos críticos, com seus direitos respeitados, principalmente o de se encantar. Assim, é necessário, principalmente à escola, mudar paradigmas, abrindo espaço para concepções de leitura, que, de acordo com Lajolo (1993), privilegiem a reflexão sobre a natureza e o percurso social da leitura, deixando em plano secundário metodologias e estratégias que costumam ser, na prática, ineficientes para despertar nos jovens o gosto pela leitura. Só assim poderemos responder a um mundo que roda cada vez mais rápido, com tanta evolução e desafios.

Finaliza-se esse estudo na esperança de ter colaborado para melhor entendimento cenário da leitura de adolescente/jovem, a partir de um grupo focal específico, bem como ter contribuído com ideias relevantes para harmonizar as relações entre os interesses do jovem e os da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. 3.ed. São Paulo: Instituto Pró-livro/Imprensa Oficial, 2012.

FARIA, M. A. O que pensam os adolescentes das histórias que lêem? **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 3, n.3, p.30–35, mai./ago.,1995.

FERNANDES, J.C. Apropriação da leitura crítica. In: BORGES, A. G. S.; ASSAGRA, A. G.; ALDA, C. G. L. de. **Leitura: o mundo além das palavras**/ Instituto RPC. 1.ed. Curitiba: Instituto RPC, 2010. p.33–48.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 1.ed. São Paulo: Ática, 1993.

MAFRA, N. D. F. **Leituras à revelia da escola [livro eletrônico]**. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livrosdigitais-gratuitos.php>. Acesso em: 03 dez.2016

MOREIRA, I. S. P. **Motivação para a leitura**. Santa Maria, 2014. Tese (Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Básico) – Instituto Superior Politécnico Gaya.

PALMA, M. S. Di. Ciberleitura. In: BORGES, A. G. S.; ASSAGRA, A. G.; ALDA, C. G. L. de. **Leitura: o mundo além das palavras**/ Instituto RPC. 1.ed. Curitiba: Instituto RPC, 2010. p.161–175.

SANTOS, M. V. M. dos. A leitura como prática cotidiana e motivacional: da infância ao crescimento intelectual e discernimento crítico. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 11, n.1, p.29-37, jan./jul., 2006.

SILVA, E. T. **Elementos de Pedagogia da leitura**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.